

# ESSENCIALISMO

Ensaio Essencialista – 04  
Revisado em fevereiro 2009

Régis Alain Barbier

## EDUCANDO O ESSENCIAL

*Um dos grandes pecados da escola é desconsiderar tudo com que a criança chega a ela.  
A escola decreta que antes dela não há nada - Paulo Freire  
O que se conhece primeiro, serve de metáfora para o que vem depois – Régis Alain  
Barbier*

### SUMÁRIO

- I. QUADRO DE AVISO
- II. DA INEFICIÊNCIA DAS FILOSOFIAS SUBSERVIENTES
- III. DOS PRÉ-JUÍZOS INQUIETANDO E SITIANDO OS HORIZONTES PEDAGÓGICOS
- IV. DAS FORMAS DE EDUCAR - EDUCAÇÃO ANUNCIATIVA E ARGUMENTATIVA
- V. DA PRÁXIS FAMILIAR E COMUNITÁRIA À SABEDORIA FILOSÓFICA –  
HOMENAGEM A PAULO FREIRE
- VI. O IMO ESSENCIAL DE UMA FILOSOFIA EDUCATIVA UNIVERSAL

### BIBLIOGRAFIA

## EDUCANDO O ESSENCIAL

## I. QUADRO DE AVISO

Nesse intento de compreensão sistêmica da educação a partir da razão filosófica, não esmiúço assuntos técnicos, como o estudo das abordagens educativas relativas às faixas etárias; tampouco, debato a necessidade de se fornecer conteúdos específicos em cada fase dos processos pedagógicos. Como um arquiteto, concentro o meu discurso nas linhas existenciais eco-humanistas e fundamentais a um bom projeto educacional. A necessidade de pontuações firmes, na tentativa de demonstrar como o conservadorismo se organiza e se perpetua ao longo de um vetor de causalidade, iniciado a partir dos planos conceituais míticos e filosóficos, é proporcional ao descomedimento filocrático<sup>1</sup> da sociedade. Embora educadores excepcionais promovam modelos humanistas - eco-humanistas - de educação, as grades de ensino, os currículos estatais, continuam distantes do que deveriam: a pétrea pirâmide societária permanece, como um núcleo estável e impositivo, apesar de nóxica e anacrônica. Comparo a situação societária atual, global e geral, notoriamente geradora de desassossego, injustiça e abuso, corrupta, à mutação patológica de um estado potencial de boa saúde comunitária. Essa mutação ou situação patológica é crônica, com agudização recorrente. Defino o estado de boa saúde social como uma polis comunitária, libertária, dialógica e eco-humanista, como uma tribo de amigos: não se trata de um idealismo, mas da evocação modelar de uma situação adequada, fazendo jus aos potenciais sapientes da humanidade, geralmente apregoados, considerados notórios: uma organização social, delineada algumas vezes ao longo da história, onde, por definição, predomina o respeito às intenções sinceras, aos cuidados específicos no sentido de prezar a vida, a natureza. Do ponto de vista habitacional, neste estado de saúde social, não há tumores urbanos, ácidos e caóticos; não existem áreas extensas de carências e desencontros, escassez celular e fibrose - "*as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em vastos terrenos baldios*"; (Lígia Fagundes Teles, *Histórias do Desencontro*, p. 83) – não existem prédios como carceragens suspensas, penhascos na beira de abismos de solidão e isolamento. Cada casa é um canteiro no jardim; cada praça, uma fonte. O teatro central dos debates sociais é um salão comum e aberto a todos os poetas e filósofos. Não prevalecem reações autoimunes, violentas, não há autoanticorpos, bandidos, contra autoantígenos, parentes; as pessoas não se comunicam como máquinas insensíveis; obtêm alimento em hortas, não em supermercados com clima de néon e ar frio enlatado.

---

<sup>1</sup> Os termos *filocracia*, *filocrático(a)* apontam a divergência entre: 1) a verdade comunitária assentada em bases filosóficas; 2) as construções societárias assentadas em ideologias: filocracia, vontade reativa de poder. Uma racionalidade

## II. DA INEFICIÊNCIA DAS FILOSOFIAS SUBSERVIENTES

A Filosofia da Educação representa a aplicação do pensamento filosófico aos processos educativos. Uma aplicação passiva de orientações, objetivos, abrangências e direcionamentos diversos na geração de conceituações: 1) orientada em direção ao entendimento dos processos educativos atuantes no próprio contexto sociocultural gerador do estudo, uma busca homocêntrica; ou, 2) investigando métodos educacionais de outras culturas, uma busca excêntrica, nos moldes da antropologia. Tais buscas acontecem de acordo com o entendimento filosófico operante e peculiar dos pesquisadores: o filósofo educador, necessariamente, tende a definir o que é educar em relação à natureza da sua própria educação, em uma escala de valores, do que apreendeu; pressupõe-se que as investigações de outras culturas sejam aptas a evidenciar pontos contrastantes, áreas divergentes, abrindo espaços para renovadas interpretações ou modelos – contudo, pré-juízos, de alguma forma limitantes, são esperados, quase inevitáveis<sup>2</sup>. Uma investigação filosófica da educação, incidindo acriticamente sobre a sua própria esfera formativa, âmbito cultural de origem, com frequência, não passa de um enaltecimento da própria cultura, uma apologia: estudiosos encomiastas, comprometidos em cargos funcionais, geram uma filosofia da educação eminentemente conservadora, senão presunçosa. Para obtenção de resultados rigorosos e satisfatórios, seria necessário que os investigadores fossem isentos de sectarismos, libertos de afiliações e militâncias, capazes de deslocamentos cognitivos transcivilizacionais, conhecedores das definições profundas, filosóficas, relativas aos conceitos de educação vigentes em outras culturas e civilizações, fundadas a partir de estruturas míticas e perspectivas metafísicas diversas. Para a obtenção de resultados e compreensões operativas abrangentes, universais, para observar, comparar, experimentar a tudo o que se refere a essa atividade de transmissão e criação cultural, educar, uma máxima flexibilidade e lisura são fundamentais. Um intento teórico, orientado em busca de esclarecimentos ponderados e isentos, versando sobre a filosofia da educação, implica incluir a si mesmo, com consciência, ao iniciar o processo de entendimento filosófico: conhecer-se como fenômeno conhecedor, historicamente nutrido de compreensões mediadas pela cultura, e, de conhecimentos imediatos resultantes da experiência vital. Apenas garante a universalidade do estudo a contemplação lúcida do estado-de-ser humano, seus fundamentos, sua essência, no intuito de defrontar as necessidades existenciais basilares, atinentes à condição humana genérica, como experimentada e conferida à luz do bom senso, com sobriedade, levando em consideração, na análise, as aferências teóricas oriundas

---

<sup>2</sup> O discurso pode aparentar ser lúcido, mas a postura desmente: um educador sentado num estado, ou palanque, subjugando ouvintes e alunos perfilados em cadeiras teatrais, referindo-se aos autores mais notórios, classificados nas estantes de um museu imaginário, figurinhas de um álbum totalmente preenchido, folhando o discurso como se as vantagens e privilégios do cargo, frutos de anos de magistério, fossem evidência de razão filosófica: contudo, sem nada informar de radical, aplicando uma receita subjetivista e relativista, reduzindo, sem entusiasmo, os conceitos a uma sopa culturalista, é, dolorosamente, patético.

dos princípios filosóficos gerais, reconhecidos sensatos, decantados e louvados em estruturas culturais e civilizatórias, de tradição humanista e orientação racional.

Iniciamos pelo caminho mais sóbrio, direto e mais econômico: uma busca a partir de si, busca filosófica por excelência. Assumo o âmbito civilizacional vigente, hoje global, como gerador de uma estrutura e métodos educacionais instrumentados como expressões conservadoras, de reforço; tal articulação ideológica é o ponto inicial e de procedência a partir de onde se afirma essa dissertação. Iniciando pela observação, descrição e contemplação, despontam questionamentos ligados aos métodos de ensino: os métodos são centralmente implicados no ato de educar; a ideologia estrutura métodos que condicionam as diretrizes educativas, filtrando e reduzindo aquilo que se transmite. A ideologia vigente desconhece o bom senso que assinala a complexidade e inefabilidade estruturante do estado-de-ser, em favor de um reducionismo abusivo concretizado na tentativa de se aplicar o método positivo-científico para a investigação e regência de uma ordem de fenômenos não quantificáveis: a totalidade do estudo da ação humana no contexto social – como na sociologia aplicada, psicologia social, pedagogia e economia. A experiência humana não é: 1) idealista, redutível a alguma entidade de ordem subjetiva, nem 2) positiva, redutível a objetos materiais, tampouco, 3) ‘realidade’ entendida como uma relação cristalizada entre estas duas hipóteses, de fato incognoscíveis, i.e., de um lado o ‘ideal’, do outro o ‘objetivo’, ou positivo: a experiência humana é um fenômeno, uma unidade viva, analiticamente incognoscível, inefável e imponderável na sua essência. Ser ciente de si configura um conhecimento direto, imediato e auto conferido, portanto não convencional, não se tratando, tampouco, de uma observação científica implicando neutralidade da parte do observador, resultados provisionais<sup>3</sup>. O ser humano age motivado por escolhas inscritas em atos e causalidades indetermináveis, em termos de qualidades e quantidades: uma criatividade avessa à categorização. Escolhas insondáveis nas suas profundezas determinadoras; mas, não por inatismo sobrenaturalista – algo como um “livre arbítrio” – e, sim, devido a uma imensa complexidade: o surgimento da capacidade de escolher como fenômeno intrínseco à complexidade e autoconsciência. A atitude cientificista, ensaiando delimitar os processos educacionais embasando a análise em dados pré-definidos, implica a negação da insondável e ímpar criatividade humana, o desrespeito à natureza primordial e única do estado-de-ser. O educador, seguidor de tal orientação metodológica, coloca-se numa situação ilógica: a premissa reducionista não garante uma antecedência predicativa maior, a não ser que o educador positivista se enxergue como espécie diversa, um super sujeito dotado de uma inteligência fundante e superior - o ato da redução racionalista como ato supremo de inteligência. A abordagem cientificista, normativa, exclusiva, por redução, do âmbito cognitivo pleno da razão natural e inteligência das interações, implica: 1) empobrecimento por diminuição da diversidade; 2) redução dos potenciais e iniciativas a um nível consensual estatístico médio; e, do ponto de vista das aplicações; 3) acentuação e possível generalização da amplitude e intensidade de atos educativos elitistas e selecionados, uma forte tendência para o fortalecimento de uma ação educacional

---

<sup>3</sup> Um ponto plenamente discutido num ensaio anterior sobre formas de conhecimento.

massificada, objetivista e rústica. Esquemas educacionais alienados e alienantes, propensos a induzir desinteresse, empobrecimento dos valores, talentos individuais, diversidade e criatividade. Efeitos reforçando o desenho societário vigente, a manutenção conservadora, homogênea, dos esquemas societários filocráticos já implantados, o *status quo*. Caso se entenda por educação o que de fato significa, um processo desenvolvendo e criativo, a renovação e transmissão cultural através do diálogo, compartilhamento, do ‘e’ ‘ducere’, lucidez irradiada a partir de si mesmo, maiêutica: torna-se evidente não ser possível algo como uma “educação estatal” ou uma “educação teológica sectária”. A dita educação de estados ou igrejas se caracteriza como instrumento teórico, confirmador do enquadramento geopolítico de indivíduos, com eficiência e intensidade proporcional e relativo ao PIB; um processo orientado na implantação e cultivo, através de ministérios específicos, burocratas, funcionários associados, intenções, finalidades e elitismos pré-definidos em concílios ou conselhos fechados.

O ato educador só pode emanar de uma relação de admiração frente à insondável criatividade e originalidade humana; de respeito à natureza integrativa e sempre renovada do estado-de-ser; de um método valorizando e fortalecendo a capacidade de escolha do aluno – escolha entendida como fenômeno intrínseco à complexidade e à autoconsciência. O ato educador, sensato, tem como objetivo, a partir do início da relação, reconhecer o que cada um pode ensinar ao outro, os talentos peculiares e singulares. Não ilustrando, e comprovando, nos seus fundamentos, essa natureza dialógica espontânea, fluida; o ato dito educativo, não é educador, mas simples demonstração e manifestação de prepotência e autoritarismo.

### III. DOS PRÉ-JUÍZOS INQUIETANDO E SITIANDO OS HORIZONTES PEDAGÓGICOS

A saga infantil elabora-se por toda a vida, seja permanecendo nos limites balizados pela cultura e estrutura socioeconômica, ou, divergindo: aqueles que se expressam, poetas, filósofos e artistas, elaboram esta experiência. O círculo espiralando dos cromossomos às galáxias, chegando aos pensamentos, vem e vai, a partir do mesmo negrume de inefabilidade, gerando espanto e dúvidas. Profundo ceticismo, a partir de onde, a razão, integrando em sincronia os esboços mnemônicos e os da imaginação, desenha significados e coerências, tal qual ao perceber as figuras criadas pelo sistema de integração visual, extraindo padrões, observando texturas e formas aleatórias nas paredes, no chão, na grama ou nas nuvens. O indivíduo pode, ao menos em parte, ampliar ou mudar os potenciais evocados na infância, para plantar e cultivar o que bem desejar, todos os sentidos e perspectivas existenciais possíveis: zênite, nadir ou globo universal – o que não se refaz, se supera e reinventa. Muitos acompanham as normas, acentuam os traços da catedral societária, invocam a grandeza dos representantes de ideais, ou hipóteses, vislumbram personagens infinitamente supremos onde outros só enxergam negrumes misteriosos. Outros, mais *orbi* de que *urbi*, deixam aos céares, reais e míticos, o que lhe referem, sem ingerência: compreendem as esferas naturais, geometrias orbitando no vazio, como força e matéria divinas.

As diligências culturais, os aspectos específicos da cultura e as providências comunitárias, os dados da experiência vivencial definem, com intensidade, categorias existenciais e fundadoras: marcas batismais, aplicadas na infância por intermédio de parentes, imediatos transmissores de usos e costumes, ou por agentes culturais, sacerdotes ou educadores, políticos, a serviço das culturas. *Cogitans*, atributos culturais mais abstratos, ligados aos domínios míticos regendo religiosidades, e *naturans*, modelos de relações relativas ao ambiente, ao *habitat*, à vida familiar, originam dois declives coligados, mas diversos. Motivo bivalente promovendo aliagens, seja com acentuação da esfera estável e genésica, familiar e comunitária, ou intensificação dos reflexos e relações societárias, das sombras mutantes no fundo da caverna mítica evocadas por Sócrates, narradas por Platão. O modelo comunitário e familiar poderá ser: *orbi*, naturalmente inserido e contextualizado, assentado num habitat típico, em sintonia com o ethos eco-humanista; ou, *urbi*, uma vivência mais artificial, burguesa<sup>4</sup>, dissociada dos enraizamentos relativos ao ethos original, posições instrumentadas em escalas classistas relativas a privilégios, capacidades funcionais e produtivas. O modelo cultural poderá ser gerador de práticas sacramentais e dimensões espiritualistas, com frequências antipódicas: estruturas normativas, regidas por representantes hierarquizados, instalados em igrejas, evocando domínios imaginados sobrenaturais, mediando rogações; ou ritos mais naturalistas, proporcionando encontros frontais e espontâneos com a natureza, reconhecida sagrada, todos os seres. O vigor, integração, ou alienação, da configuração nativa, e, do outro lado, a intensidade e qualidade das normas culturais, são fatores entrelaçados na administração do destino do estado-de-ser: fenômenos envolvidos na criativa manutenção da existência, ou no seu depauperamento. Cada indivíduo se posiciona: acompanhar os determinismos infantis ou divergir; não se trata de seleções intelectualmente lógicas, escolhas racionais; essas matérias são selvagens, extracurriculares e sub-reptícias, a bifurcação a ser vencida depende de uma apreciação íntima, intuitiva, parcialmente consciente.

Apenas o ser humano dotado de intuição cognitiva madura, liberto de medos e receios pode, deveras, decidir e se posicionar frente às alotipias e graves ambivalências sitiando o núcleo civilizatório como vozes sussurrantes: - *És um ser vindo de planos sobrenaturais, criatura acidentalmente, caída na matéria, em busca de resgate e redenção; ou apenas uma criatura naturalmente assentada no seu habitat, povoando a esfera planetária? És um predador universal, como um gafanhoto migratório, ou uma entidade bem aninhada e locada no seu ethos essencial?* Uma vez postas as dúvidas, hesitando, imaginam-se *similia* e *similibus* soluções, afirmadas por inúmeros agoureiros e guias, acreditadas por muitos, estabelecendo-se jogos dramáticos, indecisões sem remédios, a não ser: obedecer sem questionar, divergir ou desistir da problemática, cuidando do pão cotidiano. Impressões psíquicas aplicadas na infância emulam tendências, mas não

---

<sup>4</sup> A cidade típica, oriunda do movimento civilizatório ocidental, tende a nascer encostada aos muros externos das igrejas e castelos, como as lanchonetes e bodegas de calçadas apoiadas em casarões, formando burgos; as polis, antecedentes, hoje extintas, se formam como raios ancorados ao centro: casas comunais, praças ou marcos orientadores.

determinam o destino. Ou o medo de deixar de ser, ou não ser, se alivia em expressões de culpas, proselitismos ou facciosismos, em esperanças ditas e reditas como missas, do alto das tribunas, garantias apocalípticas bem badaladas; ou essa angústia, toda humana, tende a serenar, se aquietar: o pavor de deixar de ser curando-se pelo pavor de sempre ser, salvando os valores reais, saboreados no decorrer dos dias, o presente infinito. Nas junções, nos enlaces dessas circunstâncias, configuram-se epopeias: trata-se, de uma decorrência radical, de raízes; o genésico, o que está na origem, e as atitudes gestam um termo. Vetores apontam para o reconhecimento consensual de interpretações sociológicas e históricas, vindos debaixo das umbrelas cognitivas dos doutos, ou então, vivazes como uma encarnação de princípios atuantes, impulsionam maioria e liberdade. Os ditames pedagógicos das estruturas societárias superestratificadas obstam a justa compreensão da universalidade e enraizamentos cósmicos do estado-de-ser, mas não travam com força irrestrita, o seu reconhecimento, a educação encaminha um destino, não compele. As âncoras batismais ou comunitárias, suas nuances, a natureza peculiar do estado-de-ser individualizado criança interferem na indução do destino. Garantido, é que a vontade, a sensibilidade e criatividade da criança - e adulto, sabendo guardar em si o infante cultivando a arte de perguntar e ser curioso - sempre desafiará os rigores das pré-definições, automatismos, tradições e do logicamente decorrente.

A capacidade de ser sensível ao Belo, à vitalidade e natureza da condutividade estética - entendida como a capacidade conectiva dos que visionam os alinhamentos das sequências causais - revelando circularidade, são fatores regidos pelo grau de intensidade e presença natural da configuração nativa; círculos, girando além das perspectivas filosóficas, perfazendo unicidade. Unicidade alimentando e gestando essas perspectivas profundas e familiares, onde padrões sinérgicos despertam, para apresentarem-se na existência, realmente, balizando as confluências e o destino, entre o estado-de-ser singular e o universal, sossegando, unificando. A observação de dicotomias, o estabelecimento de distinções contrastadas e rigorosas, fracionando o todo em delimitações, números e letras, fatores regidos pela vigência e rigor da configuração cultural como habitualmente apresentada nas escolas normativas, geram dúvidas, inquietudes.

#### IV. DAS FORMAS DE EDUCAR - EDUCAÇÃO ANUNCIATIVA E ARGUMENTATIVA

A educação societária – aqui denominada *educação anunciativa* - possui seletividade e desígnio específico, geradora de problemática inerente: ela é aplicada a partir de uma estrutura hierarquizada, suspensa além do que é especificamente humano, acima da razão, um pressuposto que não pode ser efetivamente contornado à luz de conceitos pedagógicos assentados em juízos filosóficos exatos e prudentes. Apesar de revestida dos argumentos da pedagogia contemporânea, a educação societária geral mantém a estrutura teleológica típica do tomismo. Para o funcionário educador da República, o conceito de humanidade é selado de acordo com as normas decantadas ao longo da epopeia histórica, ou de acordo com um dogma irracional incorporado nas igrejas oficiais ou de massa.

Abaixo desse conceito supremo e definidor, enfatizado ou pressuposto em silêncio aquiescente ou cordato, o ser humano, instalado num contexto histórico e socioeconômico definido, pode ser ‘educado para algo’, como objeto ou recurso da nação. Na esfera societária, a educação é antes de tudo um cuidado, como a atenção que o jardineiro dispensa às plantas, um zelo que se aplica com a participação do educando, no intuito de atualizar potenciais inatos, entendidos como sementes dignas de se cultivarem. O que é julgado bom para florir é normalizado de acordo com uma deontologia: é a realização de um ideal, o cumprimento de um tratado de deveres pré-definidos – uma pedagogia<sup>5</sup>. Não se trata de favorecer a germinação espontânea de uma ética, brotando livre, florindo da natureza; há uma tutorização, restrição forte, bem supervisionada, aplicada de um patamar superior, não se trata de uma interlocução respeitosa, encontrando riquezas e desafios nas leituras e representações criativas e genuínas, até mesmo únicas, dos educandos. Educar é formar, realizar atos dentro da pessoa com a participação ativa do educando, é uma operação pré-definida, aplicada com a colaboração necessária, para atingir o interior; o sucesso se demonstra em atos que se conformam a uma instrumentalização: educar para x ou y. Enquanto Aristóteles fala de potência "como capacidade de comunicar ou receber algo", a educação societária entende potenciais como a contenção de qualidades aptas a germinar ou não. Demonstrar capacidade de trocar informações, comunicar e receber, é certamente diverso de conter um conjunto de qualidades como potenciais: no primeiro caso, características funcionais abrem perspectivas indefinidas; no segundo caso, um inatismo genésico predetermina as formas. O poder e eficiência da boa educação estão certamente agregados a valores; mas, não são valores educacionais objetificados, instrumentados como utilidades, isso, porque um ser humano só se educa, de verdade, na esfera da liberdade e do valor dado a si mesmo. No âmbito da organização educacional anunciativa, estatal ou celestial, a norma mais alta e suprema caracteriza-se pela ausência de razão; o fundamento é dogmático, sobrenatural, ou norma de estado: razão de estado é norma, dogma é crença. Se a razão final é um credo, educar é preparar a aceitação do dogma e da norma, e a função magna do educador é se credenciar frente ao aluno para suscitar aderência, fé salvadora, obediência e sucesso societário.

Compreendida como intercâmbio, sistema de trocas, dialogal, a função magna do educador e da educação – aqui denominada *educação argumentativa* - não é essencialmente ‘cuidar’, como uma mãe, ou um jardineiro, isso já é proporcionado pela família e âmbito comunitário. Educar, em primeiro lugar, é estabelecer com o educando um contato, um relacionamento interlocutório horizontal, compartilhado, um reconhecimento mútuo de respeito e admiração, possibilitando debater assuntos à luz da experiência imediata e do saber simbólico, confiante na razão e bom senso. Entendendo-se bem posicionado no seu estado-de-ser, existencialmente adequado, exercitando a razão natural, o indivíduo descobre ser uma junção misteriosa de ser e existência, de absoluto e relativo, uma expressão de liberdade, gratuidade, naturalmente revestido da graça da criatividade manifesta. Tal realização, associada à volição, como poder de aquiescer ou negar, dizer sim ou não,

---

<sup>5</sup> Gr. *paidagógia*: direção ou educação de crianças; p. ext. cuidados com uma planta ou um doente; comparável ao lat. *paedagoga (lex)*: lei que serve de guia.



faz dele um ente apto a escolher e valorar o que se dá à existência, ele, em primeiro lugar. Saudável, experimentando a adequação evolutiva e seletiva, o indivíduo tende a valorizar a experiência com virtude, alegria e coragem. A razão assentada no reconhecimento e presença imediata do estado-de-ser, na consciência de si, revela um contexto existencial criativo, por isso, sujeito à impermanência. Nesse contexto existencial, decorre sensato e bom ser fluido, tolerante, desapegado, cordato, ponderado, justo e amigo. À luz da razão natural, o *H. sapiens* se reconhece nas mãos da providência, mas, sujeito de si mesmo; um estado-de-ser adequado, de si mesmo sujeito e objeto, é oportuno, propício e benigno: a adequação e bondade são naturais do ser humano que bem se reconhece e se valoriza.

A junção unitária se enraíza no estado-de-ser; o valor atribuído aos outros depende do valor atribuído a si mesmo, e, o valor próprio e real, essencial, não é alienável nem sujeito a tributação sem degenerar: existe em si, no ato mesmo de ser; fenômeno experienciado, conhecido de imediato, mas inexplicável, junção do absoluto e do relativo. O valor magno é o sentido próprio outorgado ao estado-de-ser, o melhor sentido, a melhor conduta, a mais profícua, benigna, é o diálogo, a participação, o compartilhamento; o estar juntos, aprendendo a busca do melhor entendimento e vida social. Um objetivo certamente prático, eficiente e centrado, sem equívoco e bem argumentado, respeitando o imponderável para ser merecedor de respeito. A razão lúcida, exercitada sem crenças apostas, sem mapas prévios e sem tutela, é suficiente para revelar o que é, com adequação e máximo benefício. Evidência demonstrada nas praças de Atenas desde os primórdios: a razão virtuosa, efetiva, justa e prudente, só pode ser natural. A confiança decorre na apreciação filosófica de que o exercício livre da razão leva à percepção e realização de uma ética positiva e humana, socialmente engrandecedora. Além de instruir saberes, o educador deve corroborar na educação de um ser humano de verdade e respeito, jamais um crente no absurdo, um fiel ignorante.

Será a história destinada e determinada a frutificar em paz; ou então a permanecer um reinado de formigas; ou ainda, algo intermediário, nem isso nem aquilo; quem sabe? Estimular a criatividade, o senso crítico, a imaginação, a intuição e o senso investigativo é tornar vivo, é *criar sujeito*, é vivificar em busca da verdade, da compreensão imediata e plena da presença, do seu mistério e profundo respeito. É auxiliar o outro a se pôr no lugar, ética: fazer do mundo um reino cordato de paz e confiança. Estamos vivendo em dois planos: o plano da razão natural, primeva e filogeneticamente familiar, e o da irracionalidade social e histórica, moderna e pós-moderna. Por estar envolvidos, necessariamente, em planos conceituais, é impossível apresentar-se com postura neutra: não se pode pensar, falar, agir e memorizar, atitudes inerentes do ser humano, sem ser influenciado por discursos; ser lançado na tensão entre o poder da verdade comunitária, assentada em bases éticas e filosóficas, ou, das ilusões societárias, assentadas em ideologias, filocracias, vontade reativa e narcísea de poder.

A filosofia é a arte da manutenção da atividade humana no plano nativo, lúcido e juvenil, da razão universal; enquanto isso, a ideologia sustenta o plano e os determinismos de ordem histórica e social. Vivendo na cidade – espaço societário essencial -, envolvido por esses planos, estamos sempre deslizando entre um e outro. Estar ciente desses lugares e planos é o começo de uma busca destinada a construir, um espaço de verdade, onde possa morar a ética, ou um espaço ilusório, à manutenção de um reinado de aparências e fatuidades excessivas. A estratégia mais sensata, ponderada, é ir em busca de um convívio de respeito; fazer desse momento uma ordem de paz: o amor que faz nascer, é o selo, a marca por onde guiar e orientar a evolução do processo, que, desta forma, pode vir a ser mais sensato e suave. A essência da educação real é ir ao centro, dar morada ao outro no contexto do encontro, como se fosse receber a visita de um amigo: isso é dar *ethos*. E dar *ethos* é ser ético; é fazer incidir a luz da natureza sobre o outro, receber o mistério e presença de ser humano, aqui, agora, no ato do encontro, como se fosse abraçar um familiar. Não espelhar as máscaras atribuídas, impostas, ou usadas como fardas, papéis; mas, ser um reflexo profundo, como um lago nas cordilheiras, um Titicaca refletindo um céu de estrelas, um olhar de mulher-mãe compartilhando o mais real, profundo e sensato, o mais verdadeiro que a natureza colocou em nós da mesma forma e de modo diverso.

## V. DA PRÁXIS FAMILIAR E COMUNITÁRIA À SABEDORIA FILOSÓFICA HOMENAGEM A PAULO FREIRE

Paulo Freire (1921-1997), pedagogo e filósofo brasileiro, não tomista, não positivista, não acadêmico, distinguiu-se por praticar uma filosofia viva, aplicando elevada compreensão, conceitos filosóficos primordiais, no âmbito da educação. Apesar de, vulgarmente, aparentado ao marxismo, reportando à burocracia socialista, é notório que o discurso de Paulo Freire é, na sua essência, poderosamente antitético aos herarquismos e jugos dos estados<sup>6</sup>. Trata-se de um discurso estruturado

---

<sup>6</sup> É possível que Freire – popularmente interpretado como ideólogo marxista – esteja, de alguma maneira, adaptando a sua história de vida, modulando sulcos gravados na lembrança, ao gosto de interpretações políticas posteriormente elaboradas. Freire parece imergir e racionalizar a sua crítica, a sua ira – certamente resultante de uma postura natural, ativa e virtuosa - nos acordos filosóficos e teóricos do marxismo, ventilados em paralelo aos assuntos e eventos relativos à sua historicidade circunstanciada numa estrutura societária colonialista, acompanhando e vivenciando os efeitos geopolíticos periféricos de vastos movimentos macroeconômicos, lidos e comentados à luz da teoria marxista. Uma teoria, notoriamente, acompanhando e refletindo mais do que explicando os eventos, fornecendo, nas suas práxis interventivas e reativas, pretextos e argumentos históricos úteis à continuidade e persistência dos processos: fenômenos econômicos e políticos iníquos, resultando em ações autoritárias mais controladoras e intervencionistas. O marxismo é, na infância de Freire, uma teoria vigorosa, ainda nascente, moldada nas sombras de movimentos econômicos centralizados, tese reforçada, usurpada e manipulada pelas autoridades e “elites capitalistas” - banqueiros - atuantes como se fossem deuses invisíveis, gênios inspiradores da história, subvencionando e bancando as revoluções. O marxismo confunde, como sendo necessário à natureza societária, o que de fato é circunstancial, histórico e dependente do exercício econômico de um poder organizador e central, mais oculto que os movimentos políticos abertos e de superfície. A teoria marxista, cujo resqúicio atual é a burocracia atual e global, super controladora, é apreciada e fartamente usada pelos que comandam a economia fiduciária (os ditos “capitalistas”, de fato banqueiros de estados), sistema monopolista e politizado de controle monetário, cujos ciclos inerentes incluem todas as recessões e depressões, inclusive a depressão de 1929 que foi experienciada por Freire, a atual e as que surgirão. No fluxo das circunstâncias históricas do domínio monetário, pela elite conjugada de banqueiros, políticos e intelectuais assalariados, o marxismo é, evidentemente, propagado – hoje como “socialismo” - para alimentar e dinamizar motivos e conflitos sociais, capazes de vitalizar, e mobilizar, as ações de grupos estaduais, ou nacionais, como executantes terminais de temáticas, comandadas e planejadas em outros níveis.

em conceitos filosóficos essencialmente fundados no pensamento da antiga tradição libertária, humanista, transitando e dialogando em busca de se assentar na comunidade, desde os jônicos antigos, infância da filosofia, até os dias atuais. Para Paulo Freire, a educação societária típica, de estado, é burlesca como um carnaval ideológico, comercial, “bancária”: impositiva, normativa e taxativa. Aplicada como depósitos numa conta destinada a render juros, a alimentar movimentos de massa, coreografias dirigidas, orquestradas e sustentadas pelos supervisores, reitores e presidentes das escolas. Uma educação de alunos engavetados e enquadrados, classificados em graus e séries. Trata-se de uma cumplicidade interesseira, lucrativa: treinamentos, adestramentos e enquadramentos.

Os princípios subentendidos, latentes e patentes, na exposição teórica freiriana relativa à filosofia da educação, referem-se a manifestações e espaços filosóficos inconfundíveis, ilustráveis com conceitos libertários lapidares, imortais, tais como (apenas ilustrando): 1) uma vida não examinada não merece ser vivida; ou vive-se de acordo com o seu próprio juízo, ou é condenado a viver de acordo com os juízos e poderes alheios; 2) o estado-de-ser, é uma confluência de dois intelectos: o sensível e o racional; a razão lógica, por si só, não é suficiente à construção de uma sabedoria adequada; 3) hábitos e tradições servem de base a partir de onde reconstruir uma fortaleza de saberes, fundamentada na verdade, à luz da razão: não são modelos ou padrões fixos exigindo eterna reprodução; 4) os critérios mais exatos e profundos enraizam no *Logos*, no “espírito universal” refletido em cada pessoa, simplesmente, por ser o que é, natureza humana; critérios enraizados na consciência íntima, no juízo próprio, na aplicação de métodos para bem guiar a razão, aliados a um exame bem experienciado, humano - não apenas exercitado à luz de ideais e normatizações.

Para Freire, a função magna do educador não é essencialmente cuidar como uma mãe ou um bom deus, como o fazem educadores inspirados por determinismos religiosos – tal cuidado, sendo o caso, não é específico, já é proporcionado, ou deve sê-lo, pela família e comunidade. Educar é, em primeiro lugar, estabelecer com o educando um contato, um relacionamento interlocutório horizontal, compartilhado, de respeito e admiração mútua; em segundo lugar, confiante na razão, é debater assuntos à luz da experiência imediata e do saber simbólico. A confiança decorre na apreciação filosófica, em que o exercício livre e criativo da razão leva à percepção e realização de uma ética natural, positiva, humana, desejável e socialmente engrandecedora. Em Freire, além de instruir saberes, se educa o ser humano, de verdade, com respeito, não, necessariamente, à procura de praticantes ou eleitores fiéis. Freire escolhe não trazer pautas pré-estabelecidas, dando valor a si mesmo, respeitando-se, e ao outro, como ser humano criativo, aberto ao diálogo, à participação e ao compartilhamento, aprendendo juntos, em busca de um melhor entendimento e vida social: um objetivo certamente prático e eficiente, centrado, adequado à instalação e manutenção de uma vida eco-humanista, filosoficamente apropriada. Nisso reside o seu mais alto e admirável valor: a essência do método, a ideia, que não é estranha aos filósofos: é a alma da filosofia jônica, grega, arcaica, pagã, campestre, pré-zoroástrica, indígena e tribal, perenal, comunitária. É um antídoto

curativo ao que se faz, prega e arquiteta nas sociedades superestratificadas e conquistadas. Trata-se de um intento educativo criativo, filosófico, na tradição de Buda, que sai do seu castelo; na tradição socrática que maieuticamente extrai do vizinho verdades mais profundas, assentadas em posturas contemplativas e silenciosas, juvenis e criativas, frente à grandeza da natureza onde mais vale o amor e o respeito de que todas as certezas. Uma abordagem inscrita na tradição do hilemorfismo aristotélico, na tradição unitária de Espinosa, no impulso vivo e ativo da elevada autoestima de Nietzsche; Gandhi, e tantos outros, assentados numa firme tradição não violenta e fraterna: refletindo partes essenciais da ética; encontrando aplicações filosóficas verdadeiras, adequadas aos seus momentos e afazeres.

Aplicada a um método específico de alfabetização, a filosofia educativa freiriana nada perde da sua orientação e vigor, torna-se mais depurada, explícita, essencial, um método efetivo e simples como uma árvore: raízes, tronco e dois galhos grandes, desdobrados em inúmeros ramos. Para Paulo Freire, alfabetizar não pode se restringir aos processos de codificação e decodificação. Dessa forma, a alfabetização de adultos promove: a compreensão do mundo e o conhecimento da realidade social - as raízes; a conscientização acerca dos problemas cotidianos – o tronco; a leitura/interpretação, veículo de contato e comunicação; a escrita, meio ativo de contribuição e integração criativa - os dois ramos principais dessa árvore freiriana do conhecimento. A *Etapa de Investigação* configura uma busca conjunta, entre professores e alunos, dos vocabulários, palavras, temas e conceitos mais significativos e usados na comunidade - respeitando o linguajar típico. Levanta-se o universo vocabular do grupo, através de interações, aproximação e conhecimento mútuo, conversas informais, participativas. Depois de construído, o universo gerador é apresentado, na *Etapa de Tematização*, em cartazes e imagens, onde as palavras são identificadas e conhecidas como símbolos gráficos a serem estudados através da divisão silábica - semelhantemente ao método tradicional: criando fichas de palavras para a decomposição das famílias fonéticas correspondentes. O passo subsequente consta da formação, e eventual descobrimento, de novas palavras, usando as famílias silábicas já conhecidas. Simultaneamente, ocorre a tomada de consciência, através da análise dos significados sociais, temas e palavras: esboça-se a criação de roteiros para os debates, os quais deverão servir como subsídios, sem seguir uma prescrição rígida. Nos círculos de cultura, na *Etapa de Problematização*, inicia-se uma discussão no intuito de significar os termos, na realidade do grupo de estudo. Busca-se recriar situações existenciais características do grupo, inseridas na realidade local e fundante, devendo ser discutidas com o intuito de abrir perspectivas conscientes sobre os problemas (locais, regionais e nacionais): uma postura conscientizada. Os alunos são desafiados e inspirados a superar a visão mágica, ideológica e idealista do mundo, caminhando de uma cultura *intransitiva* para uma cultura *transitiva, crítica e ética*.

## VI. O IMO ESSENCIAL DE UMA FILOSOFIA EDUCATIVA UNIVERSAL

Se a Filosofia da Educação representa, de veras, a aplicação do pensamento filosófico, por excelência, aos processos educativos, em busca de esclarecimentos ponderados e isentos, implica, ao iniciar o processo do entendimento filosófico, conhecer-se como fenômeno conhecedor, historicamente nutrido de conhecimentos imediatos resultantes da experiência vital, antes das compreensões mediadas pela cultura. Apenas a contemplação fenomenológica lúcida do estado-de-ser, no que tem de essencial, considerando as condições e necessidades existenciais basilares atinentes à condição humana, como experimentada e conferida à luz do bom senso, com sobriedade, garante a universalidade do estudo, a qualidade filosófica fundamental da busca. O ato educador só pode emanar de uma relação de admiração e respeito, frente à insondável criatividade e originalidade humana, de apreço à natureza integrativa e sempre renovada do estado-de-ser, de um método valorizando e fortalecendo, antes de tudo, a capacidade de escolha do aluno – escolha entendida como fenômeno intrínseco à complexidade e autoconsciência. O ato educador sensato, isento de sectarismos, liberto de afiliações e militâncias, leva em consideração, na análise, as aferências teóricas oriundas dos princípios filosóficos decantados e louvados em estruturas culturais e civilizatórias de tradição humanistas e libertárias, em sintonia com a máxima expressão e engrandecimento do estado-de-ser. Para que seja possível, adequadamente, observar, comparar, experimentar tudo a que se refere essa atividade de transmissão, compartilhamento e criação cultural que é educar, máxima flexibilidade, criatividade e lisura, são fundamentais. Exige-se, desde o início da relação, reconhecer o que cada um pode ensinar ao outro, os talentos peculiares e singulares, na busca de resultados e compreensões universais.

O H. sapiens não se humaniza sem uma forte transmissão cultural de saberes, sendo o saber mais fundamental: ter a oportunidade de aprender a reconhecer-se como é, não como uma escola, ou alguém, gostaria que ele fosse; ser respeitado na sua individualidade e criatividade, provido de liberdade cultural para trilhar novos caminhos, gerar formas imprevisíveis de cultura a partir do que se recebe da tradição. Realizar-se implica reconhecer-se como existencialmente adequado, livre de finalismos, utilitários ou teleológicos: um estado-de-ser vanguardista em harmonia material, energética e histórica com o seu meio, fenômeno atestado pelo simples fato de predominar como espécie, de existir. Progredir em busca de autodeterminação, ser responsável por si mesmo, ciente da sua natureza, das suas atitudes, comportamentos, sentimentos, pensamentos, em contato com os seus talentos únicos, singulares, exige receber e beneficiar-se de uma atenção peculiar, individualizada, além de um mero aconselhamento geral ou currículo mínimo. Uma profunda integração, congruente e confiante, torna-se possível ao desfrutar de uma receptividade e escuta atentas, tendo oportunidade de expor suas dúvidas, percepções e intuições. Estimular a expressão, definição do pensamento, das ideias, compartilhar entendimentos, elaborar juntos: é o método fundamental para se construir

planos conceituais, filosóficos e educativos, renovados: superar os influxos ideológicos, a massificação e atomização, em busca de uma sociedade humana aberta, criativa e genuína.

A ética exige clareza, o ser humano apresentado a todos os pontos de vista, todas as formas de se conduzir como indivíduo, povo, tribo ou nação: a ética exige liberdade para escolher a organização à qual se afiliar, pelo tempo que quiser, que achar bom, proveitoso, criativo, enriquecedor. Haveria ensino mais essencial do que reconhecer no outro a casa universal onde reside a moral, a ética; apresentar-se como inquilino honesto e sincero da mesma casa; reconhecer-se eterno lugar de expressão criativa, respeito, abertura e amor; ser honesto na sua própria dimensão de ser? O dever do educador fiel, honesto, é apenas afirmar o que de fato conhece, apresentar mitos como mitos, lendas como lendas, suposições como suposições, dúvidas como dúvidas, crenças como crenças, verdades como verdades, conhecimentos como conhecimentos, nada ocultar. Apresentar-se como formador de opinião, contador de histórias a serviço de uma seita, tradição, porta-voz de um grupo ou nação, de uma associação, não é educar para ser humano; mas, ser sócio, associado, sectário, partidário: é condicionar e implantar no ouvinte as raízes do fanatismo. Cada qual nasce depositante creditado de bilhões de anos de experiências cósmicas, e, buscando, cada um poderá se conectar com a herança de muitos povos e nações, com a sabedoria de muitos filósofos; confrontando-se com escolhas das mais importantes: decidir ir além das suas tradições, superar e enriquecer o que foi dado e aprendido como se fosse por osmose, ou não; ser portador de um archote de luz viva e nova, essencialmente humana, ou então, ser veículo passivo de imagens e representações desenhadas por outros, em outros tempos, com outras palavras, outras classificações, resservir antigos planos conceituais, desadaptados, frios e desencarnados, como efluxos vetustos de outras épocas e tempos. A essência vital dos saberes práticos não é o seu conteúdo; mas, sim, o modo como se originaram no contexto triplo: necessidade, momento histórico e entendimento disponível. Essa interação observada, criticada e comentada, permite atualizar a capacidade de rever e repensar os saberes, ademais, de aprendê-los e fazer bom uso.

Educar não é podar ou treinar para um fim apontado, determinações consensuais, políticas - isso seria 'inducar' -, educar é germinar e alimentar o que vem de si, é ensinar um começo, um princípio, auxiliando o aluno a entrar em contato consigo mesmo, com a sua origem e natureza, com o mistério do estado-de-ser, força ativa, inteligente e sensível, experimentadora. Educar é evocar uma curiosidade aberta, disposta a desafiar todos os conceitos em terreno de igualdade, respeito, amizade e confiança: a confiança de ser portador de uma herança energética infinita, empática e simpática ao cosmos, universal; receptor e transmissor de uma cultura filosófica a atualizar e burilar: uma cultura necessitando ser reconstruída a cada nascimento, em cada sopro de vida. Educar é ensinar a habilidade suprema: ser humano, simplesmente; criatura universal, filho(a) do sol, das estrelas, do dia e da noite, do espaço-tempo, natureza. Humano é ser capaz de reconhecer em si todos os potenciais para paz, alegria criativa, ou para a guerra, o fundamentalismo mais sisudo e rígido: i.e., bem ser, ou mal ser; mas, capaz de escolher ser bom, porque ciente e apto a reconhecer e

entender que ser bom é bom, que procurar ser feliz, eutímico, é o melhor estado qualitativo de ser possível num mundo onde tudo se transforma, refaz e recria, onde tudo surge para se dissolver e ressurgir, de outras formas, na imensa arquitetura, em movimentos criativos acontecendo em coordenadas e compassos além do entendimento possível a uma simples parte do conjunto.

O enquadramento adequado à aprendizagem de ser humano é o círculo aberto: no arranjo circular, não se pode colocar gente em excesso, massificar, diametralmente afastando integrantes tendentes a se tornar inaudíveis, menos visíveis. No círculo público, todos são iguais, sabedores de que compartilham os mesmos ciclos vitais, a mesma origem e destino, a mesma natureza: na estrutura circular, a vida é apreciada como se apresenta, inteiramente, nas proporções adequadas, na geometria universal das esferas. O mundo é um círculo aberto, de limites indefinidos, possivelmente infinitos, o horizonte contextual, igualmente: ocasionalmente, não se distingue se a experiência vem antes dos conceitos ou se os conceitos determinam a experiência. A dialógica gera inúmeras vias, revela infinitos potenciais, descortina uma inteligência imprevisível, jamais um caminho já traçado, para sempre: ela é criativa, resulta em saberes que se potencializam, ampliam e se aperfeiçoam como elaborados por gênios – o gênio que somos em conjunto, reconhecendo cada um como criatura genial. Todos são portadores da mesma complexidade, forjada na mesma universal herança e duração: todos merecem o mesmo profundo respeito, o direito de compartilhar o que é igualmente dado pela natureza onde o sol brilha para todos, onde a terra não é de ninguém, mas tudo possui, reabsorve e recolhe. O diálogo não revela, como através de uma força oculta, uma via privilegiada, alheia, repleta de conceitos fantásticos, impossíveis de proceder naturalmente, de se contextualizar e frutificar no plano onde se aplicam. A dialógica revela uma complexidade impossível de ser dominada, mitificada, corrompida, por um grupo coligado, uma seita, um único elemento: é a via da clareza e da virtude, o meio onde fazer valer e canalizar os saberes múltiplos e diversos de uma multidão de contribuintes individuais, testemunhas do real, impossíveis serem corrompidos<sup>7</sup>: a corrupção resulta do secretismo, círculos fechados, instalados no topo das pirâmides exclusivas das ditas democracias contemporâneas, necessitando serem reconstruídas em reformas radicais.

O bom educador sabe que se aprende ensinando: a escuta criativa do aluno e as suas respostas imprevistas atestam ensinos vivos, abertos, verdadeiros, em harmonia com a força criativa e renovadora do sistema universal. Ser natureza é reconhecer-se sem fantasias redutoras, aceitar-se com gratidão, livre de imperativos imaginados e rígidos, aberto a mudanças; reconhecendo antes de tudo os limites da racionalidade, da essencialidade do conhecimento imediato, construindo e presenteando pelo ato simples de ser no mundo, do mundo, de pertencer por inteiro à natureza, como se percebe, mas, reconhecida inalcançável na sua grandeza e majestade. Nesse lugar, passagem entre dois infinitos distantes, passado e futuro, graça configurando possibilidade de destino, opções e escolhas, onde, por fim, nossos corpos e cinzas hão de alimentar os seres que nos nutrem: ser

---

<sup>7</sup> Como possivelmente afirmava Jefferson, “Pode-se enganar a todos por pouco tempo, pode-se enganar alguns o tempo todo, mas não se pode enganar a todos o tempo todo”.

virtuoso, prudente, comedido, modesto, corajoso, justo, temperado e amoroso, é ser inteligente. Bem educar é escutar, ser atento ao outro, essencialmente: para isso, é necessário reduzir o que aparta a comunidade e natureza humana, principalmente, o nível dos projetos, das relações e da organização: na contemplação filosófica; na esfera econômica; na esfera política: um fundamento mítico, funcional e humanista, não deve separar o cosmos em plano divino e plano humano, mas reunir os planos, respeitando o mistério como acontecia na Jônia, antes do advento do zoroastrismo. Numa sociedade, onde predomina o mito separatista, um elitismo ou *apartheid* fundamental, segundo o qual, de um lado, as almas e os espíritos detenham o poder, a luz e a força, e do outro a matéria, os corpos, a carne, o denso e o opaco estarão separados, em frequência inferior, segregados em baixo, no escuro, tateando em busca de uma orientação, direção e destino, apenas advindo da clarabóia de cima: a vitalidade é refreada, reprimida e contida, em favor de um gerenciamento monopolista, piramidal, que sangra e destrói a existência, empobrece, ao ponto de miséria, a experiência existencial, semeando escassez e desordem. Apenas a elevação natural da autoestima existencial ou essencial, poderá gerar uma miríade de comunidade, assentadas na escala humana, onde o poder decisório de cada um seja igualmente considerado: paradoxalmente atomizando o poder para que ele seja uno na essência e no *ethos* onde radicalmente se assenta.

#### Bibliografia:

- O método de Paulo Freire”; texto de Sônia Couto Souza Feitosa como parte da dissertação de mestrado defendida na FE-USP (1999) intitulada: *Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação*.
- Freire, Paulo; Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar; Editora Olho D'Água, 10ª ed., p. 27-38; 1993.